

Warning: getimagesize(images/stories/priore/evangelodelladomenica/moliplicazione_pani.jpg): failed to open stream: No such file or directory in **/home/monast59/public_html/plugins/content/multithumb/multithumb.php** on line **1563**

Warning: getimagesize(images/stories/priore/evangelodelladomenica/moliplicazione_pani.jpg): failed to open stream: No such file or directory in **/home/monast59/public_html/plugins/content/multithumb/multithumb.php** on line **1563**

Home

XVII domingo do tempo comum

[Imprimir](#)
[Imprimir](#)

Multithumb found errors on this page:

There was a problem loading image

'images/stories/priore/evangelodelladomenica/moliplicazione_pani.jpg'

There was a problem loading image

'images/stories/priore/evangelodelladomenica/moliplicazione_pani.jpg'

Partilha e dom dos pães

29 julho 2012

Reflexões sobre as leituras

de LUCIANO MANICARDI

O pão é o símbolo mais adequado para exprimir as *necessidades do homem e o amor de Deus*. Toda a história da salvação pode ser resumida no gesto em que Deus "dá o alimento a todo o ser vivo" (Salm 136, 25)

domingo 29 julho 2012

de LUCIANO MANICARDI

Ano B

2Re 4,42-44; Sal 144; Ef 4,1-6; Jo 6,1-15

O pão, alimento essencial do homem mediterrâneo, é sinal da atenção de Deus pelo homem e do seu *amor abundante* como prova o trecho em que vinte pães de cevada, "segundo a Palavra de Deus" transmitida pelo Profeta Eliseu, não só matam a fome a cem pessoas como ainda sobram (I leitura). No Evangelho, cinco pães de cevada e dois peixes, de acordo com os gestos e a Palavra de Jesus, matam a fome a cinco mil pessoas e também sobram. Mais do que a multiplicação, devemos falar de *partilha* e de *dom*.

A iniciativa de saciar a fome das multidões não parte dos discípulos (como nos sinópticos), mas diretamente de Jesus. Não é motivada sequer pela compaixão em face de pessoas cansadas ou perdidas (como em Mc 6,34; 8,2; Mt 15,32). O gesto de Jesus é *absolutamente gratuito*: é uma ação, não é uma reação

. Nasce, apenas e só, do seu olhar sobre a multidão, naquele tempo próximo da Páscoa (cf. Jo 6,4). O seu gesto surge como uma revelação: seja em relação a Deus que, na Páscoa, cumprirá o seu amor abundante pelo homem dando o seu próprio filho pela vida do mundo, seja em relação ao homem e à sua fome, que não se deve a circunstâncias particulares, mas que é, fundamentalmente, constitutiva. Esta fome não é uma desgraça, mas é a verdade humana orientada para a verdade de Deus que a precede e que a funda e que é o desejo de Deus de se entregar ao homem para que estejam em comunhão e para que o homem tenha a vida em abundância.

O pão é o símbolo mais adequado para exprimir as *necessidades do homem e o amor de Deus*. Toda a história da salvação pode ser resumida no gesto em que Deus "dá o alimento a todo o ser vivo" (Sal 136,25). Realidade humaníssima, o pão é um símbolo de vida, contém em si uma referência à natureza, à cultura, à terra, ao trabalho do homem, à sua corporiedade, à sua pobreza fundamental, à sua dimensão de convivialidade e de encontro, de sociabilidade e de comunhão, no fundo a tudo aquilo que dá sentido à vida sustentada pelo pão. O pão simboliza tudo aquilo que é essencial à vida.

O gesto eucarístico de Jesus ("tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os": Jo 6,11) indica seja a *eucaristia* como lugar de encontro de Deus com o homem sobre o signo da gratuidade, do amor abundante e imenso, do dom que não pode ser retribuído, seja a essência da gratidão que o homem é chamado a assinalar antes de comer, diante de cada refeição, como confissão de fé que a vida é dom. No momento do apetite basilar da criatura, o agradecimento impõe uma distância entre si próprio e a necessidade que (re)põe o homem na sua verdade, confessando Deus como Senhor da vida.

A multidão acolhe o gesto de Jesus como sinal revelador de algo da sua identidade mais profunda (cf. Jo 6,14), com consequências que Jesus rejeita de forma muito clara. Jesus sabia que o queriam fazer Rei e por isso se retira, sozinho, para a montanha (cf. Jo 6,15). A sua realeza é outra e surgirá na glória paradoxal do cruz. Jesus rejeita a lógica mundana dos Reis e governadores que pedem poder e legitimização em troca de meios de subsistência. Jesus rejeita humilhar a fome "ontológica" do homem, a necessidade humana, em proveito próprio e de atentar contra a gratuidade de Deus, mercantilizando-a.

Jesus retira-se, "faz-se anacoreta", por fim "escapa-se", segundo algumas testemunhas da tradição manuscrita (Jo 6,15). Escapa-se dos que de um profeta querem fazer um Rei, dos que de um gesto de amor e de revelação querem fazer uma instituição política. Escapa-se de quem o aplaude e aclama; escapa-se, por fim, dos próprios discípulos, mostrando que, por vezes, a *arte da fuga* é a única possibilidade para salvaguardar a qualidade e a dignidade da própria vida e o lado evangélico da fé. Jesus escapa-se, não para se isolar, mas para se encontrar com o Pai. Escapa-se na solidão habitada pela comunhão com o Pai. Jesus está "só" (Jo 6,15), "...se bem que Eu não esteja só, porque o Pai está comigo" (Jo 16,32).

LUCIANO MANICARDI

Comunidade de Bose
Eucaristia e Parola

Textos para as Celebrações Eucarísticas - Ano B

© 2010 Vita e Pensiero